

Artigo submetido a 6 de Fevereiro 2022; versão final aceite a 17 de Junho de 2022
Paper submitted on February 22, 2022; final version accepted on June 17, 2022
DOI: <https://doi.org/10.59072/rper.vi66.411>

A Sustentabilidade da Oferta Turística Urbana: Uma Revisão Sistemática da Literatura¹

The Sustainability of the Urban Tourism Offer: A Systematic Literature Review

Arturo Sousa

arturo.sousa@staff.uma.pt

Resumo

A sustentabilidade do turismo urbano (STU) é um paradigma repleto de desafios e oportunidades tanto para a procura como para a oferta do mercado. Esta área de investigação tem sido analisada sob vários domínios, pelo que o objetivo deste trabalho é a realização de uma revisão sistemática da literatura sobre a STU, para perceber como a oferta turística urbana tem sido investigada neste domínio. A metodologia do estudo realizado compreende uma análise descritiva e de conteúdo de investigações da base de dados *Scopus* da STU. Os resultados deste estudo apontam para uma grande variedade de metodologias e contributos desenvolvidos pelos investigadores, tal como apontam para uma multiplicidade de áreas integrantes da STU, destacando-se o planeamento, a capacidade do território urbano, as tecnologias e os transportes, como as áreas em que os estudos mais identificam e analisam. Igualmente são apresentadas lacunas de investigação que podem e devem ser colmatadas por futuros estudos.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Turismo urbano; Oferta turística; Stakeholders; Revisão da literatura.

Código JEL: Z30; Z32; R58 e M39.

Abstract

The sustainability of urban tourism (STU) is a paradigm full of challenges and opportunities for both market demand and supply. This research area has been analyzed under several domains, so the objective of this work is to carry out a systematic review of the literature on STU, to understand how the urban tourism offer has been investigated in this domain. The methodology of the study carried out comprises a descriptive and content analysis of investigations from STU's *Scopus* database. The results of this study point to a wide variety of methodologies and contributions developed by the researchers, as they point to a multiplicity of areas that are part of the STU, with emphasis on planning, the capacity of the urban territory, technologies and transport, such as areas which studies most identify and analyze. Research gaps that can and should be filled by future studies are also presented.

Keywords: Sustainability; Urban tourism; Tourist offer; Stakeholders; Literature review.

Código JEL: Z30; Z32; R58 e M39.

¹ Agradecimentos: Esta investigação foi apoiada pela Bolsa de Doutoramento SFRH/BD/151158/2021 financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), e com fundos do Orçamento de Estado (OE), no âmbito do Programa MIT Portugal.

1. INTRODUÇÃO

A STU não se trata de um tema novo (Panasiuk, 2020), no entanto, este é um tema bastante atual e tem vindo a despertar vários interesses na elaboração de investigações um pouco por todo o mundo. Este tipo de sustentabilidade é uma estratégia de desenvolvimento (Timur & Getz, 2009); é um dinamizador de desenvolvimento económico, social e cultural (Panasiuk, 2021), tal como evidencia a necessidade de uma visão sistemática dos territórios urbanos (Fistola et al., 2019) através de uma cooperação consciente entre os vários *stakeholders* turísticos (Koodsela et al., 2019).

O presente estudo justifica-se na seguinte questão de partida: “como é que a sustentabilidade da oferta turística urbana tem sido estudada?”. Deste modo, para responder a esta questão e com base numa seleção de fontes de informação secundária, explicada na sessão da metodologia deste trabalho, pretende-se cumprir os seguintes objetivos: (i) conhecer definições e conceitos de turismo urbano sustentável; (ii) identificar áreas de aplicação e agentes da STU; (iii) caracterizar tipologias emergentes na STU, bem como (iv) identificar lacunas de investigação, ou seja, tópicos ou áreas que poderão merecer maior atenção em investigações futuras.

Quanto à estrutura deste estudo, esta integra uma componente inicial sobre aspetos gerais do turismo urbano e a sua oferta turística, seguindo-se da análise e discussão integradas dos resultados da revisão sistemática da literatura efetuada, nas quais são desenvolvidos os seguintes tópicos: caracterização geral dos resultados encontrados; definições e especificidades do turismo urbano sustentável; pilares da sustentabilidade turística; áreas de aplicação e agentes da STU; metodologias e estudos de caso da STU; tipologias emergentes na STU e lacunas de investigação identificadas.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO: TURISMO URBANO E SUSTENTABILIDADE

Sendo o turismo uma atividade capaz de movimentar consideráveis números de pessoas, negócios e experiências (Faria et al., 2021), este é uma força capaz de moldar o mundo (Gôja et al., 2021) e assume especial destaque no domínio urbano, com o denominado turismo urbano. Os espaços urbanos são dos principais focos de turismo na atualidade, tanto ao nível da oferta turística, quanto ao nível da procura turística (Panasiuk, 2020). Estes espaços além de serem espaços multifuncionais, são espaços com uma atratividade turística considerável, pelo que, o turismo urbano ou turismo de cidades, integra interesses de pesquisa e de ação significativos por parte de investigadores de várias áreas (Nilsson, 2020). Este tipo de turismo tornou-se uma área de relevante interesse académico, económico e social, na década de 80 do século XX, uma vez que de acordo com a WTO (2012, p. 8), a partir dessa década, “podemos encontrar cada vez mais pesquisas e publicações relacionadas com o turismo urbano, que também o identificam como um fenómeno complexo que afeta muitas partes interessadas na cadeia de valor.” Esta época foi fundamental para as transformações que se fizeram sentir na oferta e na procura do turismo, nomeadamente: crescimento acentuado do turismo (turismo de massas), pela melhoria das condições de vida e de trabalho de muitas pessoas, bem como pelo aparecimento de companhias aéreas e de alojamento de baixo custo e pelas novas formas de comunicação e de tecnologia turísticas, entre outras (Costa & Albuquerque, 2017; WTO, 2012).

As origens deste tipo de turismo situam-se na Antiguidade (*e.g.*, deslocações de pessoas para assistir aos jogos olímpicos nos espaços urbanos da Grécia Antiga – Silva & Kemp, 2008), sendo que este tem vindo a afirmar-se positivamente um pouco por todo o mundo (Costa & Albuquerque, 2017; Martins, 2000, 2004; Murphy, 1995). Este tipo de turismo é muitas vezes considerado de complexo e multifuncional, dado que implica múltiplos e distintos agentes e áreas integrantes, bem como permite, em larga medida, desenvolver economicamente os territórios urbanos (Panasiuk, 2020, 2021).

Quanto à sustentabilidade, enquanto paradigma da pós-modernidade (Lamas et al., 2018), cada vez mais está presente na vida de todos os indivíduos (Iaquinto, 2018), é, também, cada vez mais utilizada em várias áreas do conhecimento e em várias áreas das sociedades, pelo que esta é aceite como um objetivo fulcral e diretriz para a formulação de políticas ou de iniciativas públicas e/ou privadas (Wisansing & Vongvisitsin, 2019).

Segundo identificado por autores como Panasiuk (2021), Su et al. (2020), assim como Vu et al. (2021), a sustentabilidade de um destino será sempre sinónimo de atratividade e qualidade das

experiências e dos consumos que o destino proporciona aos turistas. No turismo, a sustentabilidade, entre as décadas de 80 e 90 do século XX, estava concentrada em modalidades turísticas como o ecoturismo, portanto, em formas de turismo nas quais a vertente natural dos recursos e produtos turísticos são centrais (Lerario & Di Turi, 2018; Miller et al., 2015; Timur & Getz, 2009). Posteriormente, e sobretudo a partir da segunda metade da década de 90, este paradigma da sustentabilidade começou a ser utilizado como um processo importante que deve ser incrementado no turismo urbano (Timur & Getz, 2009).

Um dos atos internacionais mais importantes e atuais para o desenvolvimento do paradigma da sustentabilidade foi a Agenda 2030 da ONU (Organização das Nações Unidas). Este ato internacional do ano de 2015 e com orientações de atuação até 2030, foi realizado por esforços conjuntos de vários cidadãos e governos do mundo, sendo que esse esforço permitiu a criação de 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Esses ODS, sobretudo o objetivo nº 11 (“Cidades e Comunidades Sustentáveis”), demonstra a importância dos espaços urbanos para a promoção deste paradigma (Turismo de Portugal, 2022).

A união do turismo urbano com a sustentabilidade define a STU como um desafio e uma oportunidade para os espaços urbanos atuais no nível macroeconómico e no nível microeconómico. Neste sentido, é obrigatório que a oferta turística destes espaços compreenda princípios de sustentabilidade como forma de afirmação económica, social e cultural do turismo urbano, como por exemplo a equidade, a preocupação com o longo prazo, o respeito pela capacidade de carga, a conservação da natureza e a ênfase nas parcerias. Estes princípios integram a dimensão social, cultural, económica e ambiental da sustentabilidade (Corá & Henriques, 2021; Zmyslony et al., 2020).

Os atrativos da oferta turística dos espaços urbanos são utilizados e consumidos pelos turistas de forma desigual no tempo e no espaço, como são exemplos os parques temáticos, os museus e os centros comerciais (Hua & Wondirad, 2021; Koodsela et al., 2019; Lerario & Di Turi, 2018; Su et al., 2020). Neste sentido, num destino turístico urbano ou de outro tipo, de acordo com Rodrigues (2003), existe a oferta primária ou original e a oferta derivada. A oferta original compreende os recursos turísticos naturais ou criados pelo homem, enquanto atrativos e bens identitários de um destino. A oferta derivada integra as infraestruturas e equipamentos construídos no destino para explorar os recursos territoriais e turísticos. A oferta turística urbana é composta por elementos estáticos (*e.g.*, casas, museus e parques temáticos, entre outros) e por elementos dinâmicos (*e.g.*, as comunicações, os transportes, as tecnologias, os sentimentos, as interpretações sociais e outros), por serem destinos mais complexos e detentores de grande diversidade de pessoas e recursos (Fistola et al., 2019). Estes elementos da oferta turística urbana tornam a STU um verdadeiro desafio, muito maior do que noutras tipologias de turismo (Panasiuk, 2021).

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho centrou-se numa revisão sistemática da literatura de investigações concetuais e/ou empíricas da STU, para analisar contribuições diversas, desde áreas, conceitos, agentes e especificidades deste tema.

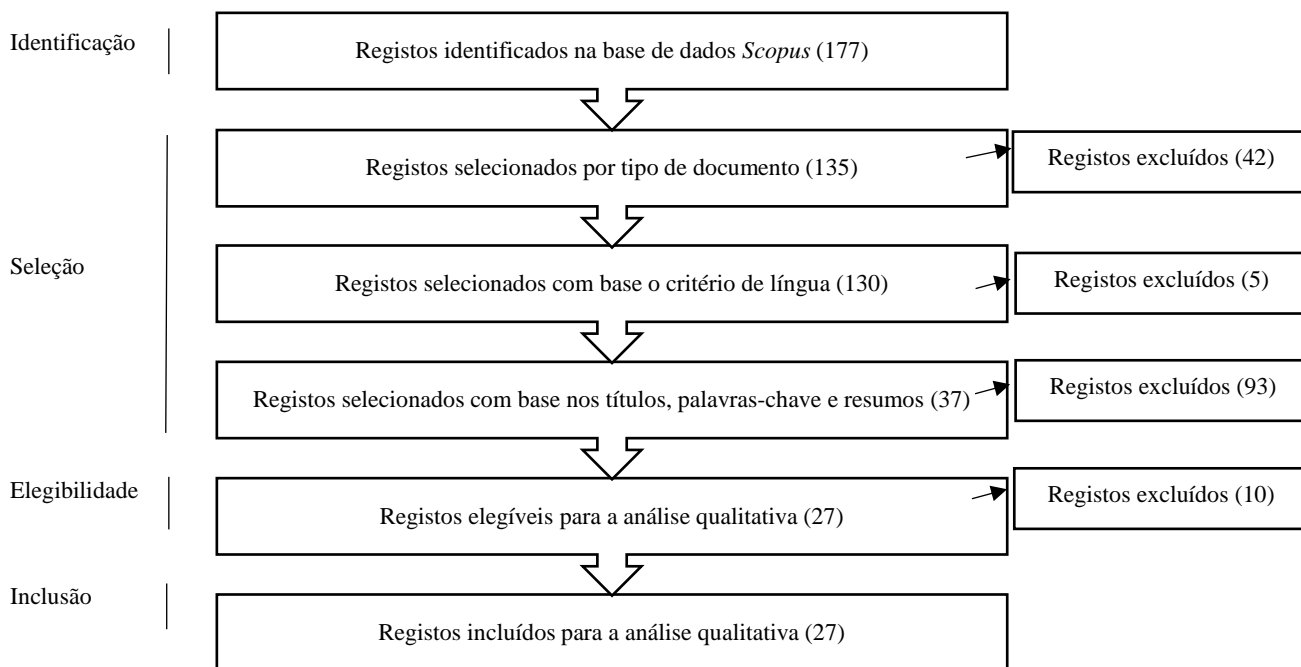
As revisões sistemáticas de literatura são consideradas estudos abrangentes que envolvem, para Galvão e Pereira (2014), os seguintes elementos: elaboração da pergunta de pesquisa; busca e seleção da literatura; extração de dados; avaliação da qualidade metodológica; síntese de dados; avaliação da qualidade de evidências, bem como redação e publicação dos resultados.

Depois de definida a questão de pesquisa (“como é que a sustentabilidade da oferta turística urbana tem sido estudada?”), utilizou-se a base de dados *Scopus* para criar critérios de pesquisa. Estes critérios de pesquisa foram assentes nas seguintes palavras-chave: *urban tourism* e *sustainable OR sustainability*, no campo: *Article Title, Abstract, Keywords*, os quais deram um total de 177 registos/documentos (última consulta a 20/10/2021). Para delimitar a pesquisa e a análise, foram aplicados 3 critérios de inclusão, sendo eles: (i) tipo de documento: artigos, critério que delimitou os registos para 135; (ii) língua: inglês, espanhol e português, critério que apresentou 130 artigos e, por último, (iii) análise de títulos e resumos com a identificação de artigos relevantes para o tema desta investigação, critério que abrange 37 artigos válidos. Definidos os aspetos metodológicos, esta investigação apresenta uma revisão sistemática da literatura assente em 27 artigos. Estes 27 artigos

foram lidos e analisados de forma integrada para responder à questão de pesquisa e cumprir os objetivos definidos. A representação e os passos já descritos desta metodologia foram adaptadas a partir da apresentação do *PRISMA* no estudo de Liberati et al. (2009), no qual os autores estabeleceram 4 etapas para a investigação desenvolvida – identificação, seleção, elegibilidade e inclusão (Figura 1).

Elucida-se que, numa primeira fase foi feita uma análise descritiva e bibliométrica dos resultados obtidos da *Scopus* (177) e, depois, foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo integrada nos 27 artigos selecionados.

Figura 1 – Esquema metodológico da investigação



Fonte: Elaboração própria.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO INTEGRADAS DOS RESULTADOS

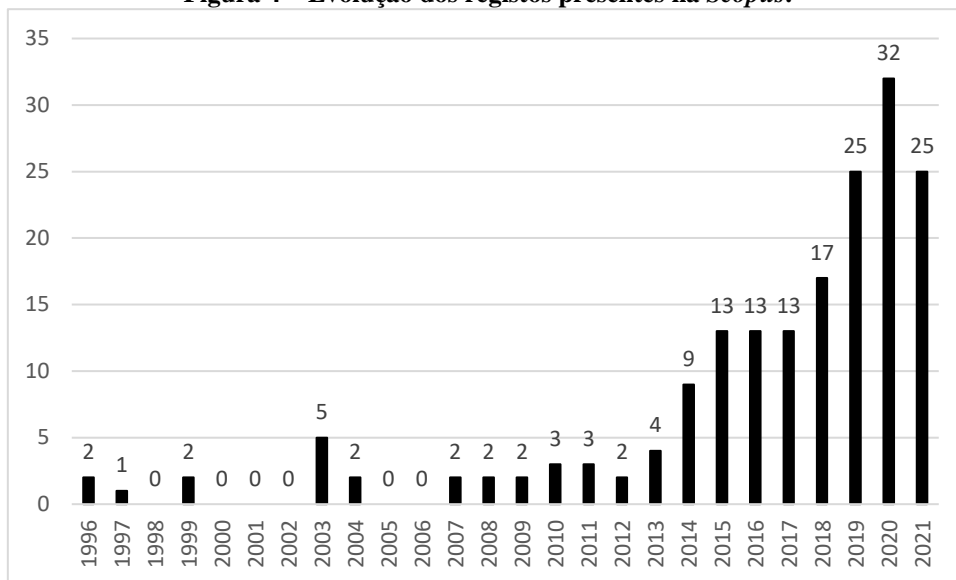
4.1. Caracterização geral dos resultados encontrados

Com a análise dos registos obtidos na *Scopus*, percebeu-se que não existem autores de referência, ou seja, autores que são amplamente ou várias vezes citados por outros autores. A citação de autores nas investigações acaba por ser bastante heterogénea.

Foram realizadas nuvens de palavras através de um *website online* gratuito (wordclouds.com). Estas nuvens de palavras permitem perceber as palavras que foram mais e até menos utilizadas, nos títulos e nas palavras-chave dos artigos selecionados. Na análise dos títulos, excluindo as preposições, as palavras mais representativas foram “tourism”, “urban”, “sustainable” e “areas” (Figura 2). As palavras-chave dos artigos analisados, com maior número de registos, foram “tourism”, “urban”, “sustainable” e “development” (Figura 3).

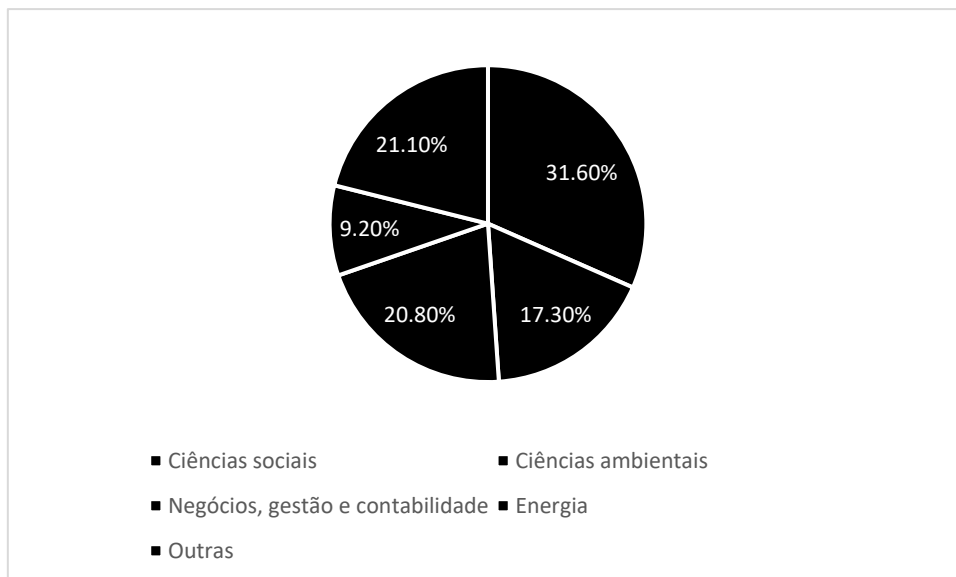
Como pode ser percecionado na Figura 5, uma grande percentagem dos registos está integrada na área de estudos das ciências sociais (31,60%) e das ciências ambientais (17,30%), sendo que a categoria “outras”, inclui diversas áreas integradas em que, cada uma delas, possui percentagens reduzidas de registos.

Figura 4 – Evolução dos registos presentes na Scopus.



Fonte: Elaboração própria.

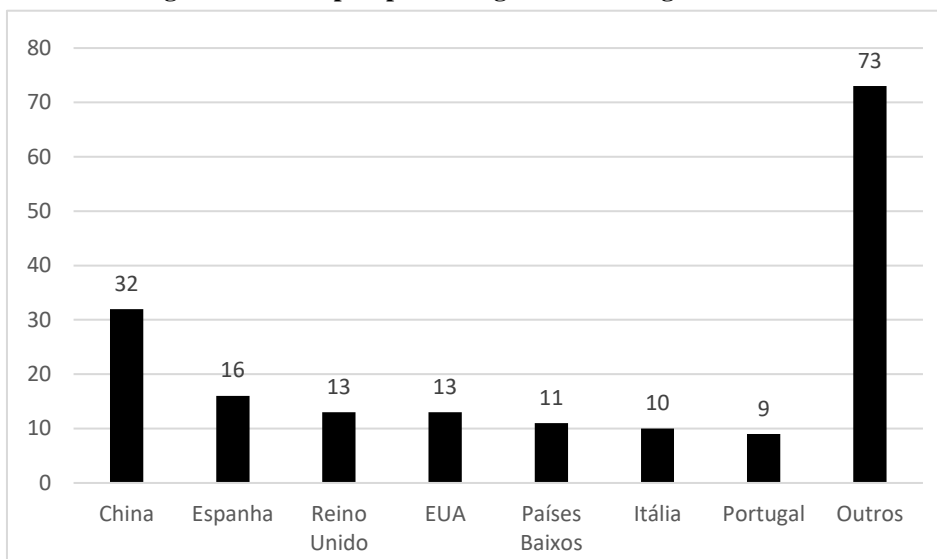
Figura 5 – Área de estudos dos registos existentes.



Fonte: Elaboração própria.

Os países com maior número de registos do tema, em análise, são a China, Espanha, Reino Unido e EUA, como está representado na Figura 6.

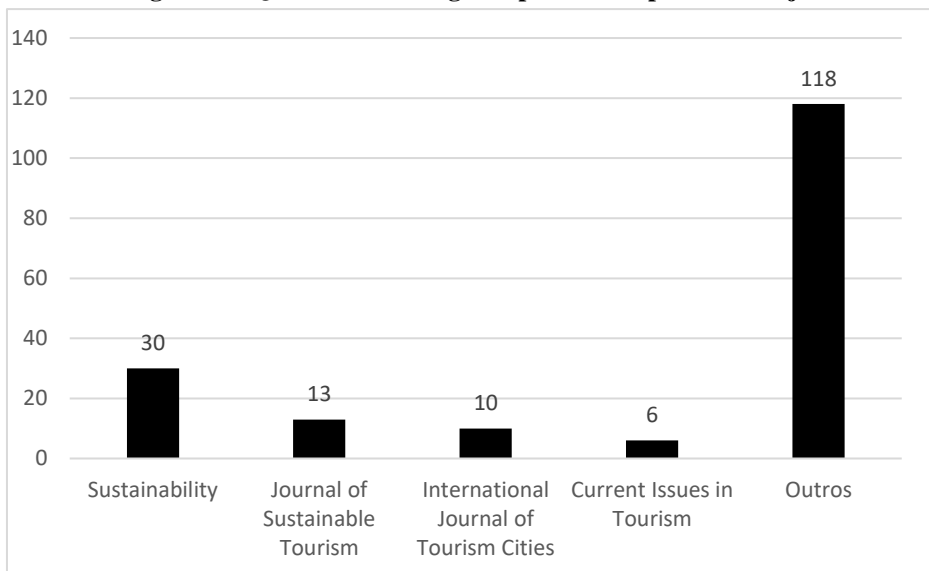
Figura 6 – Principais países originários dos registos encontrados.



Fonte: Elaboração própria.

A revista *Sustainability* e o *Journal of Sustainable Tourism* são as revistas científicas que mais se têm destacado com registos sobre a STU, visto tratarem-se de revistas com interesse e foco na área da sustentabilidade. Existe também a categoria “outros”, que detém a soma de várias revistas/*journals* com menor número de publicações nesta área (Figura 7).

Figura 7 – Quantidade de registos publicados por revistas/journals.



Fonte: Elaboração própria.

4.2. Definições e especificidades do turismo urbano sustentável

O turismo urbano sustentável tem sido estudado por investigadores e organizações, como uma possível solução para minimizar as consequências negativas que acompanham o desenvolvimento turístico nos territórios urbanos que recebem esses fluxos (Hua & Wondirad, 2021). Muito semelhante ao que deve acontecer com outras formas de turismo, a colaboração e o diálogo entre os mais variados *stakeholders* do turismo urbano, como os turistas, os residentes locais, as empresas turísticas, os governos locais e outros, assumem um papel essencial na sustentabilidade deste tipo de turismo (Coca-

Stefaniak, 2020; Henche et al., 2020; Koodsela et al., 2019; Maxim, 2015; Panasiuk, 2020, 2021; Scott & Cooper, 2010; Timur & Getz, 2009).

A STU compreende a potencialização de impactos positivos da atividade turística, no domínio de, pelo menos, uma das dimensões do *tripé* da sustentabilidade – ambiental, económica e social (Álvarez-Herranz & Macedo-Ruíz, 2021; Maxim, 2015). A ideia anterior é importante e deve estar sempre presente nos vários *stakeholders* da sustentabilidade turística, dado que o turismo sustentável “não significa que os impactos não ocorrerão. Em vez disso, o conceito significa que os impactos que ocorrem não ameaçarão o bem-estar permanente do ambiente natural, social e cultural em que ocorrem” (Butler, 2000, p. 20).

Algumas investigações destacaram entraves para a implementação ou afirmação da sustentabilidade dos destinos urbanos como a falta ou desajustada atividade de planeamento e formulação de políticas de sustentabilidade; a existência de conflitos de interesses entre os *stakeholders*; a sazonalidade do turismo; a falta de conhecimento, envolvimento, coordenação e sensibilização entre os *stakeholders*; a poluição e destruição de recursos do turismo (Panasiuk, 2020, 2021; Timur & Getz, 2009). Estes e outros fatores poderão pôr em causa que as gerações futuras de *stakeholders* possam usufruir dos bens ou recursos turísticos existentes ou reconfigurados (Panasiuk, 2020, 2021).

Os motores ou fatores de sucesso para que o turismo sustentável possa ocorrer nos destinos urbanos, incluem: a cooperação, parceria e entendimento bem definido do papel de cada *stakeholder* e os impactos dos mesmos nas sociedades; a criação de políticas, estratégias e legislação específica para o desenvolvimento do turismo; boas acessibilidades e transportes; o financiamento para diversas áreas como a reabilitação, proteção de espaços e recursos; a promoção da educação/formação em turismo sustentável; a proteção e restauração do ambiente e dos patrimónios; o uso mínimo de recursos insustentáveis; o apoio do governo local e atendimento das necessidades humanas básicas das comunidades locais (Aydin & Emeksiz, 2018; Maxim, 2015; Panasiuk, 2020, 2021; Scott & Cooper, 2010).

Alguns artigos analisados apresentaram de forma implícita, definições da STU. Conforme percecionado no Quadro 1, este tipo de sustentabilidade representa uma abrangência concetual significativa. A STU pode definir-se como uma estratégia desafiadora em que todos *stakeholders* turísticos devem conhecer o turismo, o território urbano e participar ativamente na preservação de todos os recursos e produtos turísticos para que os mesmos possam ter valor económico, social e ambiental para poderem ser consumidos e usufruídos por futuras gerações (população local, turistas, entre outros *stakeholders*).

Quadro 1 – Definições da STU.

Autores	Definições
Fistola et al. (2019, p. 1).	“Deve estar relacionada a uma visão sistémica da cidade. (...) a sustentabilidade pode ser considerada como uma condição-alvo que as cidades precisam alcançar para contrastar a ‘entropia urbana’ e se comportar como cidades inteligentes.”
Koodsela et al. (2019, p. 22).	“Cooperação em sinergia entre as partes interessadas. Processos de colaboração integrados entre grupos de partes interessadas - comunidades, setores governamentais, setores privados, organizações sem fins lucrativos e turistas são essenciais.”
Panasiuk (2020, p. 36).	“Deve ser a base para o envolvimento de todos os participantes, ou seja, empreendimentos turísticos, governos da cidade, turistas e residentes.”
Scott e Cooper (2010, p. 1174).	“Diferencia-se das demais formas de turismo pelas atividades desenvolvidas e pelos serviços oferecidos no destino.”
Timur e Getz (2009, p. 223).	“A STU é vista como uma estratégia de desenvolvimento consistente e contínua que garante o equilíbrio dos benefícios atuais do turismo com as oportunidades futuras da comunidade anfitriã”.

Fonte: Elaboração própria.

4.3. Pilares da sustentabilidade turística urbana

As investigações da STU baseiam-se em, pelo menos, uma dimensão ou pilar tradicional da sustentabilidade – ambiental, económica e social. Estudos como os de Hidalgo-Giralt et al. (2021),

Koodsela et al. (2019), Lerario e Di Turi (2018), bem como Timur e Getz (2009), referem estes pilares para caracterizar o paradigma da sustentabilidade. Estudos como o de Hidalgo-Giralt et al. (2021) mencionam a existência da sustentabilidade cultural, porém esta não é consensual entre os investigadores porque, muitas vezes, a sustentabilidade cultural é integrada na dimensão social. Já outros tipos de sustentabilidade, como é o caso da sustentabilidade política, que cada vez mais é referenciada como parte integrante da sustentabilidade turística e de outras áreas, não foi alvo de referência nos estudos analisados. A dimensão económica refere-se à lucratividade e aos benefícios económicos que os destinos e as suas empresas podem e devem usufruir com o turismo urbano. A dimensão ambiental prende-se com a preocupação constante que deve existir para com os processos ecológicos e a diversidade ambiental dos territórios. Já a dimensão social diz respeito ao capital social, humano, as suas características, ambições e necessidades. A dimensão cultural evidencia as particularidades e autenticidade dos valores culturais, históricos e as tradições da população como elementos identitários (Iaquinto, 2018; Timur & Getz, 2009).

Como exposto no Quadro 2, a sustentabilidade ambiental e a sustentabilidade social, são os tipos de sustentabilidade que foram mais estudados e analisados nas investigações identificadas, ambos com 22 registos. Alguns estudos (13), investigaram a STU integrada nos três pilares.

Quadro 2 – Pilares da sustentabilidade turística.

Tipo de sustentabilidade	Estudos
Sustentabilidade Ambiental	Alpestana (2020); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Line e Hanks (2016); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019, 2020); Panasiuk (2020); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Sustentabilidade Económica	Ayđın e Emeksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Henche et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Line e Hanks (2016); Maxim (2015, 2016); Nilsson (2019, 2020); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Souiher e Rezzaz (2020); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vu et al. (2021); Zmyslony et al. (2020).
Sustentabilidade Social	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Coca-Stefaniak (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Nilsson (2019, 2020); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Timur e Getz (2009); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).

Fonte: Elaboração própria.

4.4. Áreas de aplicação e agentes da STU

Com base nas áreas de aplicação da STU, no âmbito da oferta turística dos destinos, foi possível constatar que este conceito tem sido aplicado em diversas áreas em conjunto ou isoladas. O planeamento, a capacidade do território urbano, as tecnologias e os transportes, são as áreas em que os estudos mais identificam e analisam, nas quais a sustentabilidade da oferta turística urbana pode e deve acontecer. O *overtourism*, apesar de estar relacionado com a capacidade do território urbano, é destacado isoladamente por ser um conceito diferente e por ter sido referido por vários investigadores analisados (e.g., Álvarez-Herranz & Macedo-Ruíz, 2021; Fedyk et al., 2020; Fistola et al., 2019; Hidalgo-Giralt et al., 2021; Hua & Wondirad, 2021; Koodsela et al., 2019; Lerario & Di Turi, 2018). Com menor representatividade, as áreas a destacar são a reabilitação de espaços, a imagem do destino, as infraestruturas públicas e os aspetos relacionados com a reciclagem, a economia circular e os consumos responsáveis. São os estudos concetuais aqueles que abordam mais áreas de aplicação da sustentabilidade no turismo urbano (Quadro 3).

O planeamento urbano, entendido como um processo que deve implicar e integrar vários atores na definição de objetivos, estratégias e medidas de ação, torna-se essencial para todos os tipos de turismo, porém, para o turismo urbano, este processo tem tido uma maior visibilidade pelas particularidades funcionais e atrativas das cidades. É através do planeamento urbano que os impactos do turismo poderão ser mais positivos (Fedyk et al., 2020; Nilsson, 2019, 2020). A capacidade do território urbano relaciona-se com a necessidade de um planeamento transversal e participativo nas atividades urbanas. A

capacidade do território urbano tem a ver com a sua capacidade recetiva. A capacidade recetiva dos destinos urbanos, ao ser posta em causa, as comunidades locais, os turistas e outros *stakeholders* não poderão usufruir da melhor maneira dos recursos turísticos e territoriais. Kim e Uysal esclarecem que existem duas categorias fundamentais para avaliar este conceito: “visitantes – (...) investigar as atitudes psicológicas do nível de satisfação geral dos turistas e o número apropriado de turistas em um destino; ambiente natural – (...) monitorar a sustentabilidade ambiental e os impactos gerais” (2002, p. 288).

As tecnologias e os transportes acabam, muitas vezes, por conseguir desenvolver-se em maior quantidade nas cidades e evidenciam a importância de incrementar os princípios da sustentabilidade como fator de atratividade e de bem-estar. A imagem do destino relativamente às características sustentáveis existentes pode ser percecionada e avaliada por turistas ou *stakeholders* da oferta turística de formas diferentes, sendo que esta poderá alterar-se positivamente através de aspetos como a reabilitação de espaços urbanos (Aydin & Emeksiz, 2018).

Quadro 3 – Principais áreas de aplicação da STU.

Área	Estudos
Capacidade do território	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Aydin e Emksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2016); Nilsson (2020); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Covid-19	Hidalgo-Giralt et al. (2021); Panasiuk (2020); Timur e Getz (2009).
Imagem do destino	Aydin e Emeksiz (2018); Hua e Wondirad (2021); Line e Hanks (2016); Nilsoon (2019); Scott e Cooper (2010); Vujicic et al. (2020).
Infraestruturas	Fedyk et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Vu et al. (2021); Zmyslony et al. (2020).
<i>Overtourism</i>	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Coca-Stefaniak (2020); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Nilsson (2020); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Participação pública	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Fedyk et al. (2020); Henche et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Maxim (2016); Nilsson (2019); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009).
Património	Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Lerario e Di Turi (2018); Maxim (2016); Scott e Cooper (2010); Souiher e Rezzaz (2020); Su et al. (2020); Vujicic et al. (2020).
Planeamento	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Aydin e Emksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Nilsson (2019, 2020); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Souiher e Rezzaz (2020); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vu (2021).
Reabilitação de espaços	Lerario e Di Turi (2018); Souiher e Rezzaz (2020).
Reciclagem, economia circular e consumos responsáveis	Lerario e Di Turi (2018); Line e Hanks (2016); Maxim (2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019); Scott e Cooper (2010); Vujicic et al. (2020).
Redes	Aydin e Emksiz (2018); Coca-Stefaniak (2020); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Maxim (2015); Nilsson (2019); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Zmyslony et al. (2020).
Saúde, higiene e segurança	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Fedyk et al. (2020); Lerario e Di Turi (2018); Liao, Yu e Wang (2021); Maxim (2016); Nilsson (2019); Zmyslony et al. (2020).
Tecnologias	Aydin e Emksiz (2018); Coca-Stefaniak (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Nilsson (2019, 2020); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Transportes	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Coca-Stefaniak (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Nilsson (2019, 2020); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).

Conforme expresso no Quadro 4, existem diversos agentes ou *stakeholders* da oferta turística urbana que são importantes para a STU. Os governos locais, os gestores de alojamentos e/ou restauração, bem como a própria população local dos destinos, são os *stakeholders* do turismo urbano que mais são apontados como agentes que devem ser tidos em conta para incrementar a STU. Os outros agentes acabam por ter uma distribuição mais ou menos homogênea em termos de presença nas investigações.

Quadro 4 – Agentes da oferta turística urbana.

Agente	Estudos
Alojamento e/ou restauração	Alpestana (2020); Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Liao et al. (2021); Line e Hanks (2016); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Souhier e Rezzaz (2020); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Estabelecimentos comerciais	Alpestana (2020); Henche et al. (2020); Liao et al. (2021); Maxim (2016); Nilsson (2019); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Vu et al. (2021).
Especialistas em turismo	Alpestana (2020); Aydin e Emeksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Henche et al. (2020); Liao et al. (2021); Maxim (2016); Nilsson (2019); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vu et al. (2021).
Governos locais	Alpestana (2020); Coca-Stefaniak (2020); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019, 2020); Panasiuk (2020); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Souhier e Rezzaz (2020); Su et al. (2020); Timur e Getz (2009); Vujicic et al. (2020).
Instituições culturais e/ou comunitárias	Alpestana (2020); Fedyk et al. (2020); Henche et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Panasiuk (2020); Timur e Getz (2009); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020).
População local	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Coca-Stefaniak (2020); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Nilsson (2019); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Vu et al. (2021); Vujicic et al. (2020); Zmyslony et al. (2020).
Transportes	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Fistola et al. (2019); Liao et al. (2021); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Vu et al. (2021).

Fonte: Elaboração própria.

4.4.1. Particularidades dos temas do *Overtourism* e Covid-19 na STU

O “turismo em excesso” ou *overtourism* do turismo urbano é um tema várias vezes referido em diversos artigos analisados como foi percecionado no Quadro 3. O *overtourism* “descreve a situação em que o impacto do turismo, em determinados momentos e determinados locais, excede os limites de capacidade física, ecológica, social, económica, psicológica e/ou política” (Peeters et al., 2018, p. 15 citado por Nilsson, 2020, p. 659). Esta situação é percecionada como uma clara ameaça para a experiência e o consumo turísticos de qualidade e, por conseguinte, para a imagem e a reputação do próprio destino. Os governos locais e organismos internacionais identificam claramente o *overtourism* em áreas urbanas como um grave problema sobretudo ambiental e social (Panasiuk, 2020, 2021).

A OMT (Organização Mundial do Turismo) tem divulgado um conjunto de estratégias que limita as consequências do *overtourism*, como são exemplos: promover a dispersão dos turistas para diversas áreas das cidades; estimular a criação de itinerários e atrações para os turistas, bem como potencializar a comunicação e o envolvimento de todos os *stakeholders* turísticos (Fedyk et al., 2020).

Como reverso da moeda, algumas investigações mais recentes, de 2020 e 2021, abordam a pandemia do Covid-19. Possivelmente, haverá mais investigações da STU tendo em conta esta e/ou outras crises económicas e sanitárias. A atual pandemia, além de ter provocado um declínio bastante significativo na atividade turística em geral, similarmente, condiciona a resiliência das cidades, sobretudo aquelas que mais dependem do turismo. Porém, esta pandemia tem permitido e dado lugar à reflexões, reajustes,

novas dinâmicas e estratégias cada vez mais voltadas para a STU em diversas partes do globo (Alpeñana, 2020; Hidalgo-Giralt et al., 2021; Kwag et al., 2021; Vu et al., 2021). As implicações do Covid-19 permitiram que o denominado *overtourism* deixasse de existir em diversos espaços urbanos europeus e mundiais. De acordo com a OMT, a incerteza ainda é elevada, apesar de já existirem várias vacinas para o atual vírus, pois “60% dos especialistas agora apontam para uma recuperação em 2022 (...) os 40% restantes ainda estimam uma potencial recuperação em 2021”. A mesma fonte estima para um retorno aos níveis de turismo de 2019, apenas a partir de 2024.²

4.5. Metodologias da STU e estudos de caso

Os estudos da sustentabilidade turística urbana selecionados correspondem a seis artigos conceituais e 21 artigos de natureza empírica. Quanto às metodologias utilizadas destaca-se a metodologia quantitativa como a mais utilizada (nove estudos), sendo que a metodologia mista (qualitativa e quantitativa), soma um total de sete estudos (Quadro 5).

De acordo com o Quadro 6, confirma-se que a grande maioria dos estudos apresentou dados mistos, ou seja, dados primários e secundários (16). Foram múltiplas as fontes de dados utilizadas pelos investigadores dos artigos analisados, o que confirma a grande riqueza do tema da STU. Os dados secundários são frequentemente baseados em informações fornecidas por instituições locais, regionais e até internacionais (*e.g.*, relatórios, planos, estratégias de turismo), bem como por estudos de outros autores que são utilizados para atingir os objetivos das investigações.

Quadro 5 – Tipologia da metodologia utilizada por estudos empíricos.

Metodologia	Estudos
Qualitativa	Alpeñana (2020); Fistola et al. (2019); Nilsson (2019); Souiher e Rezzaz (2020); Vu et al. (2021).
Quantitativa	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Aydin e Emeksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Liao et al. (2021); Line e Hanks (2016); Romão e Bi (2021); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020).
Mista	Henche et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Lerario e Di Turi (2018); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Timur e Getz (2009).

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 – Tipologia de dados utilizada.

Tipologia de dados	Estudos
Dados primários e secundários	Aydin e Emeksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Fistola et al. (2019); Henche et al. (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Koodsela et al. (2019); Liao et al. (2021); Line e Hanks (2016); Maxim (2015; 2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019); Romão e Bi (2021); Souiher e Rezzaz (2020); Timur e Getz (2009); Vujcic et al. (2020).
Dados secundários	Alpeñana (2020); Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Coca-Stefaniak (2020); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Hua e Wondirad (2021); Lerario e Di Turi (2018); Nilsson (2020); Panasiuk (2020); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Vu et al. (2021); Zmyslony et al. (2020).

Fonte: Elaboração própria.

² Informação obtida através do website: <https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/wtobarometeresp.2021.19.1.3> (15/11/2021).

Conforme expresso no Quadro 7, os inquéritos foram a técnica de coleta de dados com maior representatividade nesta área (10 estudos), seguindo-se as entrevistas (seis estudos). As entrevistas é a ferramenta mais usual nos estudos com metodologias mistas ou qualitativas.

Quadro 7 – Técnicas de recolha de dados utilizadas.

Técnica de recolha de dados	Estudos
Qualitativa –Entrevistas	Henche et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Nilsson (2019); Timur e Getz (2009).
Qualitativa – Análise de conteúdo em <i>websites</i> específicos da oferta turística (e.g., TripAdvisor, entidades públicas, Airbnb e outras)	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Fistola et al. (2019); Hidalgo-Giralt et al. (2021); Scott e Cooper (2010); Su et al. (2020); Vu et al. (2021).
Qualitativa – Análise de conteúdo em documentos variados	Álvarez-Herranz e Macedo-Ruíz (2021); Liao et al. (2021); Maxim (2016); Nilsson (2019); Scott e Cooper (2010).
Qualitativa – Observação do participante	Hidalgo-Giralt et al. (2021); Nilsson (2019).
Quantitativa – Inquéritos	Aydin e Emeksiz (2018); Fedyk et al. (2020); Henche et al. (2020); Koodsela et al. (2019); Line e Hanks (2016); Maxim (2015, 2016); Miller et al. (2015); Romão e Bi (2021); Timur e Getz (2009).
Quantitativa – Cálculos variados e análise de dados quantitativos	Liao et al. (2021).

Fonte: Elaboração própria.

4.6. Tipologias emergentes na STU

Outras tipologias de turismo urbano sustentável que compreendem formas de oferta turística mais específicas e que estavam presentes na análise efetuada da literatura são: (i) o “turismo de aglomeração urbana”, enquanto conjunto de espaços urbanos que é capaz de promover a coordenação e cooperação transregional entre diferentes cidades, organizações e departamentos (Hua & Wondirad, 2021); (ii) o “turismo urbano verde” ou “turismo de eco-cidades”, designação que apresenta ações pró-ambientais integradas na “reciclagem, transporte verde, uso de energia verde e consumo verde” (Miller et al., 2015, p. 27); (iii) o “smart city tourism”, tipologia de turismo que compreende estratégias de gestão urbana como a gestão de energia e transporte (Coca-Stefaniak, 2020); (iv) o “urban slow tourism” – designação que explica a prática de turismo através de ofertas turísticas que permitem aos turistas tornarem-se parte integrante dos destinos, usufruírem os destinos com tempo e qualidade superiores (Alpestana, 2020; Coca-Stefaniak, 2020). Estas formas de turismo urbano sustentável integrarão, certamente, as características turísticas futuras dos destinos urbanos com maior relevância.

4.7. Novas ou outras temáticas a explorar na STU

Apesar do tema da STU ser já alvo de diversas investigações, é possível identificar algumas áreas que são pouco estudadas e, inclusivamente, alguns autores analisados apresentaram tópicos ou temas que podem constituir futuros estudos. Estes autores apresentam esses aspetos no decorrer das suas investigações ou na conclusão dos seus estudos.

Sugerem-se alguns tópicos da STU que podem ser mais investigados, aplicados ou não em estudos de caso, destacando-se os seguintes:

- Na perspetiva de diversificar ofertas turísticas urbanas, estudar o fenómeno de criação de rotas ou roteiros culturais com patrimónios materiais e/ou imateriais. Este é um tema que pode ser mais investigado, por ser promotor da sustentabilidade social, mas também económica e eventualmente

ambiental do turismo urbano. Neste contexto, será importante um maior enfoque dos estudos na dimensão cultural da sustentabilidade;

- As perceções, opiniões e motivações dos turistas e de comunidades locais relativamente aos consumos digitais e às tendências da economia circular dos agentes da oferta turística urbana (Alpeñana, 2020);
- As particularidades e vantagens do turismo criativo, identificando como os agentes da oferta turística urbana podem tornar os destinos criativos e sustentáveis;
- A avaliação do papel e os impactos inerentes da reabilitação de áreas, instituições e equipamentos urbanos (Alpeñana, 2020);
- O apoio que os governos locais, regionais ou nacionais dão ou devem fornecer para existirem inovações na área da STU;
- A existência de redes de contacto formal e/ou informal entre governos ou empresas do setor turístico. Estas redes são fundamentais para desenvolver aspetos como a colaboração, a partilha, o crescimento e a competitividade dos destinos;
- A promoção e os impactos na oferta e, por conseguinte, na procura turística, de formas não motorizadas de mobilidade (Romão & Bi, 2021);
- A importância da qualidade do ar e as suas implicações para a oferta e a procura turísticas urbanas (Panasiuk, 2021);
- O papel das instituições turísticas profissionais ou de formação na promoção de comportamentos pró-ambientais para funcionários e residentes das cidades (Scott & Cooper, 2010);
- A comunicação existente entre governos e residentes sobre a sustentabilidade urbana (Vu et al., 2021).

5. CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Os espaços urbanos são dos territórios com maior desempenho turístico, tanto ao nível da oferta, como ao nível da procura turística. Estes espaços são verdadeiros centros de atratividade humana, consumo e experiências multissensoriais, pelo que, a importância e as particularidades destes espaços relevam a pertinência do paradigma da sustentabilidade. Quando ocorre no contexto turístico, a STU constitui um desafio e ao mesmo tempo uma oportunidade para que os espaços urbanos possam desenvolver-se, integrando impactos turísticos que devem ser positivos e transversais aos vários *stakeholders* turísticos. Os agentes da oferta turística urbana, enquanto *stakeholders* turísticos, muito têm a ganhar com a sustentabilidade turística, seja a nível económico, seja a nível ambiental e social. A comunicação, satisfação e integração destes agentes para estimular sinergias, tal como o planeamento turístico e a necessidade de preservação dos recursos turísticos, são alguns elementos fulcrais para a STU.

Com base na análise integrada dos 27 artigos da *Scopus*, esta revisão sistemática da literatura pretendeu perceber como é que a STU, no âmbito da sua oferta, tem sido estudada, e, deste modo, identificou que a sustentabilidade ambiental e a social são mais representadas nas investigações analisadas, bem como o planeamento, a capacidade do território urbano, as tecnologias e os transportes, são as áreas em que os estudos mais identificam e analisam a STU. Os governos locais, os alojamentos e/ou restauração, bem como a própria população local dos destinos urbanos, são os *stakeholders* que mais são apontados pela sua importância para a STU. As metodologias desenvolvidas pelas investigações da STU são muito díspares, destacando-se em maior número as análises quantitativas e a aplicação de inquéritos. Nas análises qualitativas, as investigações analisadas apresentaram técnicas de coleta de dados mais diversificadas, destacando-se as entrevistas e as análises de conteúdo. As análises de conteúdo são realizadas através de várias fontes de informação, seja por meio de documentos ou por meio de páginas *web* específicas. A Europa é a principal região de turismo representada nos estudos empíricos dos artigos analisados, seguindo-se a América do Norte e a Austrália.

Como principais limitações deste trabalho apresentam-se as seguintes: (i) número reduzido de artigos analisados, tendo em conta que a área de pesquisa possui muitas investigações que podiam ter sido objeto de análise; (ii) as línguas selecionadas, sendo o inglês, espanhol e português, limitaram um pouco a obtenção de outros estudos que podem ser interessantes nesta temática; (iii) o facto de apenas terem sido selecionados artigos da *Scopus* constitui outra limitação, pois nesta base de dados existem mais

tipologias de investigações como *proceedings*, capítulos de livros e outras. A própria escolha da *Scopus* para selecionar os artigos é outra limitação, pois, embora noutras bases de dados possam ser encontrados os mesmos artigos da *Scopus*, existem outros artigos submetidos a revisão por pares que podiam complementar a presente investigação.

Por último, foi possível verificar que, apesar da STU ser uma área que tem despertado amplo interesse por parte de investigadores, um pouco por todo o mundo, existem tópicos ou elementos que podem ser mais investigados para gerar conhecimento científico, entre os exemplos abordados, destacam-se as perceções, motivações e opiniões dos turistas e de comunidades locais relativamente aos consumos digitais e às tendências da economia circular, bem como a avaliação do papel e os impactos inerentes da reabilitação de áreas, instituições e equipamentos urbanos. Estas e outras áreas da STU podem e devem ser investigadas em estudos concetuais e/ou empíricos para gerar conhecimento científico e divulgar formas de criação e/ou potencialização da STU.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez-Herranz, A. & Macedo-Ruíz, E. (2021). An evaluation of the three pillars of sustainability in cities with high Airbnb presence: A case study of the city of Madrid. *Sustainability*, 13, p. 35. <https://doi.org/10.3390/su13063220>
- Alpeñana, D. (2020). Os novos desafios do turismo urbano. *Finisterra*, LV(115), pp. 217-221. <https://doi.org/10.18055/Finis20342>
- Aydın, B. & Emeksiz, M. (2018). Sustainable urban tourism success factors and the economic performance of small tourism enterprises. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 23, 10, pp. 975-988. <https://doi.org/10.1080/10941665.2018.1513049>
- Butler, R. (2000). Issues and implications of tourism development in maritime regions. In APDR *Perspectivas de desenvolvimento para as regiões marítimas: Actas do VII Encontro Nacional da APDR* (pp. 15-25). APDR - Volume 1, Coimbra.
- Coca-Stefaniak, J. A. (2020). Beyond smart tourism cities – Towards a new generation of “wise” tourism destinations. *Journal of Tourism Futures*, p. 8. <https://doi.org/10.1108/JTF-11-2019-0130>
- Corá, J. M. & Henriques, C. (2021). O turismo criativo como base para as políticas focadas no desenvolvimento sustentável local: O caso de Brasília e do Recife – Brasil. *Journal of Tourism & Development*, 36(1), pp. 367-379. <https://doi.org/10.34624/rtd.v1i36.9217>
- Costa, C. & Albuquerque, H. (2017). Um novo modelo conceptual para o turismo urbano. In Silva, F. & Umbelino, J. (coord.) *Planeamento e desenvolvimento turístico* (pp. 409-424). Lidel, Lisboa.
- Faria, D., Vareiro, L., Malheiro, A. (2021). A satisfação e o retorno às festividades locais: O caso da festa das cruces, Barcelos. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 59, pp. 119-133.
- Fedyk, W., Sołtysik, M., Olearnik, J., Barwicka, K. & Mucha, A. (2020). How overtourism threatens large urban areas: A case study of the city of Wrocław, Poland. *Sustainability*, 12, p. 22. <https://doi.org/10.3390/su12051783>
- Fistola, R., Gargiulo, C., Battarra, R. & La Rocca, R. A. (2019). Sustainability of urban functions: Dealing with tourism activity. *Sustainability*, 11, p. 23. <https://doi.org/10.3390/su11041071>
- Galvão, T. F. & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: Passos para sua elaboração. *Revista Epidemiol. Serv. Saúde*, 23(1), pp. 183-184. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>
- Gôja, R., Santos, V. & Duxbury, N. (2021). O estado do conhecimento sobre o turismo nas áreas não-metropolitanas de Portugal Continental (2010-2020). *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 59, pp. 99-117.
- Henche, B. G., Salvaj, E. & Cuesta-Valiño, P. (2020). A sustainable management model for cultural creative tourism ecosystems. *Sustainability*, 12, p. 21. <https://doi.org/10.3390/su12229554>
- Hidalgo-Giralt, C., Palacios-García, A., Barrado-Timón, D. & Rodríguez-Esteban, J. A. (2021). Urban industrial tourism: Cultural sustainability as a tool for confronting overtourism - Cases of Madrid, Brussels and Copenhagen. *Sustainability*, 13, p. 26. <https://doi.org/10.3390/su13094694>

- Hua, H. & Wondirad, A. (2021). Tourism network in urban agglomerated destinations: Implications for sustainable tourism destination development through a critical literature review. *Sustainability*, 13, p. 16. <https://doi.org/10.3390/su13010285>
- Iaquinto, B. O. (2018). Sustainability and its dimensions. *Revista ESMESC*, 25(31), pp. 157-178. <https://doi.org/10.14295/revistadaesmesc.v25i31.p157>
- Kim, K. H. & Uysal, M. (2002). Sustainable strategies and prospects for small tourist islands. In Apostolopoulos, Y. & Gayle, D. J. (eds). *Island tourism and sustainable development: Caribbean, Pacific and Mediterranean experiences*, (pp. 273- 292). Praeger, Londres.
- Kwag, S. L., Hur, U. & Ko, Y. D. (2021). Sustainable electric personal mobility: The design of a wireless charging infrastructure for urban tourism. *Sustainability*, 13, p. 15. <https://doi.org/10.3390/su13031270>
- Koodsela, W., Dong, H. & Sukpatch, K. (2019). A holistic conceptual framework into practice-based on urban tourism toward sustainable development in Thailand. *Sustainability*, 11(24), p. 28. <https://doi.org/10.3390/su11247152>
- Lamas, S. A., Da Silva, C. B., Hofstaetter, M., De Souza, C. R. & Júnior, S. M. (2018). Sustentabilidade no turismo ou turismo sustentável: Uma revisão conceitual. In M. C. Santos, M. C., Perna, F., Santos, J. A. C., Pereira, L. N. & Renda, A. I. (edt). *Sustentabilidade: O futuro do turismo* (chap. IV, pp. 85-102). Faro: UAlg ESGHT.
- Lerario, A. & Di Turi, S. (2018). Sustainable urban tourism: Reflections on the need for building-related indicators. *Sustainability*, 10, p. 25. <https://doi.org/10.3390/su10061981>
- Liao, B., Yu, S. & Wang, M. (2021). A model of economic loss of environmental carrying capacity caused by flood disasters in urban tourism areas. *Arabian Journal of Geosciences* 14 (913), p. 14. <https://doi.org/10.1007/s12517-021-07223-y>
- Liberati, A., Altman, D. G., Tetzlaff, J., Mulrow, C., Gøtzsche, P. C., Ioannidis, J. P.A., Clarke, M., Devereaux, P.J., Kleijnen, J. & Moher, D. (2009). The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: Explanation and elaboration. *Journal of Clinical Epidemiology* 62, e1-e34. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2009.06.006>
- Line, N. D. & Hanks, L. (2016). The effects of environmental and luxury beliefs on intention to patronize green hotels: The moderating effect of destination image. *Journal of Sustainable Tourism*, 24(6), pp. 904-925. <https://doi.org/10.1080/09669582.2015.1091467>
- Martins, J. (2004). Turismo em ilhas: Sustentabilidade e globalização. In Rodrigues, L. (edt), *Estudos I - Faculdade de Economia da Universidade do Algarve* (pp. 13-22). FEUA, Faro.
- Martins, L. S. (2000). Turistas na cidade – Algumas proposições do debate acerca da “redescoberta” do Centro. In APDR (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional), *Perspectivas de desenvolvimento para as regiões marítimas: Actas do VII Encontro Nacional da APDR* (pp. 251-260). APDR - Volume 1. 1ª Edição, Coimbra.
- Maxim, C. (2015). Drivers of success in implementing sustainable tourism policies in urban areas. *Tourism planning & development*, 12(1), pp. 37-47. <https://doi.org/10.1080/21568316.2014.960599>
- Maxim, C. (2016). Sustainable tourism implementation in urban areas: A case study of London. *Journal of Sustainable Tourism*, 24(7), pp. 971-989. <https://doi.org/10.1080/09669582.2015.1115511>
- Miller, D., Merrilees, B. & Coghlan, A. (2015). Sustainable urban tourism: Understanding and developing visitor pro-environmental behaviours. *Journal of Sustainable Tourism*, 23(1), pp. 26-46. <https://doi.org/10.1080/09669582.2014.912219>
- Monteiro, A., Eusébio, C., Carneiro, M. J., Madaleno, M., Robaina, M., Rodrigues, V., Gama, C., Relvas, H., Russo, M., Oliveira, K., Lopes, M. & Borrego, C. (2021). Tourism and air quality during COVID-19 Pandemic: Lessons for the future. *Sustainability* 13(7), p. 22. <https://doi.org/10.3390/su13073906>
- Murphy, P. E. (1995). Island-based urban tourism: The case of Victoria. In Conlin, M. V. & Baum, T. (eds), *Island tourism, management, principles and practice*, (pp. 167-179). John Wiley & Sons, Chichester.
- Nilsson, J. H. (2019). Urban bicycle tourism: Path dependencies and innovation in greater Copenhagen. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(1)1, pp. 1648-1662. <https://doi.org/10.1080/09669582.2019.1650749>

- Nilsson, J. H. (2020). Conceptualizing and contextualizing overtourism: The dynamics of accelerating urban tourism. *International Journal of Tourism Cities*, 6(4), pp. 657-671. <https://doi.org/10.1108/IJTC-08-2019-0117>
- Panasiuk, A. (2020). Policy of sustainable development of urban tourism. *Pol. J. Sport Tourism*, 27(2), pp. 33-37. <https://doi.org/10.2478/pjst-2020-0012>
- Panasiuk, A. (2021). Contemporary threats to the development of sustainable urban tourism. *Handbook of Sustainable Development and Leisure Services, World Sustainability Series*, pp. 141-156. https://doi.org/10.1007/978-3-030-59820-4_10
- Rodrigues, C., H. (2003). Oferta turística urbana. In Rodrigues, C. (ed). *Turismo, cidade e cultura: Planeamento e gestão sustentáveis* (pp. 5-42). Edições Sílabo, Lisboa.
- Romão, J. & Bi, Y. (2021). Determinants of collective transport mode choice and its impacts on trip satisfaction in urban tourism. *Journal of Transport Geography*, 94, p. 9. <https://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2021.103094>
- Scott, N. & Cooper, C. (2010). Innovation for sustainable urban tourism: Some thoughts on best practice. *Rev. Administração Pública* 44(5), pp. 1171-1190. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000500008>
- Silva, O. V. & Kemp, S. R. (2008). A evolução histórica do turismo: Da Antiguidade Clássica a Revolução Industrial – século XVIII. *Revista Científica Eletrônica de Turismo*, V(9), p. 6.
- Souiher, K. & Rezzaz, M. A. (2020). Rehabilitation of infrastructure in urban tourist areas (province of Algiers, Algeria). *Society and Leisure*, 43(3), pp. 393-406. <https://doi.org/10.1080/07053436.2020.1849159>
- Su, X., Spierings, B., Dijst, M. & Tong, Z. (2020). Analysing trends in the spatio-temporal behaviour patterns of mainland Chinese tourists and residents in Hong Kong based on Weibo data. *Current Issues in Tourism*, 23(12), pp. 1542-1558. <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1645096>
- Timur, S. & Getz, D. (2009). Sustainable tourism development: How do destination stakeholders perceive sustainable urban tourism? *Sustainable Development*, 17, pp. 220–232. <https://doi.org/10.1002/sd.384>
- Turismo de Portugal (2022). *Os objetivos do desenvolvimento sustentável*. Disponível em: <http://business.turismodeportugal.pt/pt/crescer/sustentabilidade/Paginas/objetivos-desenvolvimento-sustentavel.aspx> (08/12/2021).
- Vu, H. Q., Muskat, B., Li, G. & Law, R. (2021). Improving the resident–tourist relationship in urban hotspots. *Journal of Sustainable Tourism*, 29(4), pp. 595-615. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1818087>
- Vujicic, M., Kennell, J., Morrison, A., Filimonau, V. Papuga, I., Stankov, U. & Vasiljevic, D. (2020). Fuzzy modelling of tourist motivation: An age-related model for sustainable, multi-attraction, urban destinations. *Sustainability*, 12, p. 19. <https://doi.org/10.3390/su12208698>
- Wisansing, J. J. & Vongvisitsin, T. B. (2019). Local impacts of creative tourism initiatives. In Duxbury, N. & Richards, G. (eds). *A research agenda for creative tourism* (pp. 122-136). Elgar Research Agendas, Cheltenham, Reino Unido.
- WTO (2012). *Global report on city tourism – Cities 2012 Project (AM Report n° six)*. UNWTO, Madrid.
- Zmyslony, P., Leszczynski, G., Waligóra, A. & Alejsiak, W. (2020). The sharing economy and sustainability of urban destinations in the (over)tourism context: The social capital theory perspective. *Sustainability*, 12, p. 26. <https://doi.org/10.3390/su12062310>

Website consultado e citado:

- <https://www.e-unwto.org/doi/epdf/10.18111/wtobarometeresp.2021.19.1.3> (15/11/2021).